

IRIA

josé de
alencar

CE

MMA

textos
informativos:
fátima
mesquita

LENDA DO CEARÁ

7ª impressão



© Panda Books

Diretor editorial <i>Marcelo Duarte</i>	Projeto gráfico, diagramação e capa <i>Casa Rex</i>
Diretora comercial <i>Patth Pachas</i>	Notas <i>Fátima Mesquita</i> <i>Ab Aeterno</i>
Diretora de projetos especiais <i>Tatiana Fulas</i>	Fotos <i>p. 17: © Michael Doss/Wikimedia</i> <i>Commons/CC BY-SA 2.0</i> <i>p. 125: © Leoadec/Wikimedia</i> <i>Commons/CC BY-SA 3.0</i>
Coordenadora editorial <i>Vanessa Sayuri Sawada</i>	
Assistentes editoriais <i>Camila Martins</i> <i>Henrique Torres</i>	Estabelecimento de texto <i>Ronald Polito</i>
	Revisão <i>Cristiane Goulart</i> <i>Carmen T. S. Costa</i>
	Impressão <i>Loyola</i>

Este livro foi estabelecido com base na terceira edição, de 1878, publicada por Garnier, Rio de Janeiro.

CIP – BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Alencar, José de, 1829-1877
Iracema / José de Alencar. – 1. ed. – São Paulo: Panda Books, 2015.
168 pp. il.

ISBN 978-85-7888-525-0

1. Romance brasileiro. I.Título.

15-25246

CDD: 869.93

CDU: 821.134.3(81)-3

2022

Todos os direitos reservados à Panda Books.

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41

05413-010 – São Paulo – SP

Tel./Fax: (11) 3088-8444

edoriginal@pandabooks.com.br

www.pandabooks.com.br

Visite nosso Facebook, Instagram e Twitter.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Original Ltda. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

O QUE É UM CLÁSSICO?

Não sei você, mas pra mim “clássico” mesmo é jogo de futebol, tipo Fla X Flu, Coringão X Porco, Brasil X Argentina. Só que, na escola, os professores de português e de literatura cismavam em dizer que “clássico” eram os livros chatos que eles queriam porque queriam que a turma toda lesse. Ah, e não bastava empurrar pra cima da gente livro velho de fala complicada que a gente mal entendia. Além disso, eles ainda queriam que a gente fizesse exercício e prova sobre os textos. Pode haver castigo maior? E por que é assim?

Na minha aventura para tentar entender esse grande mistério da humanidade, comecei checando no dicionário o que quer dizer a palavra “clássico”. A definição varia de A a Z, mas lá pelas tantas diz mais ou menos assim: “Obra que se mantém ao longo dos tempos, que se tornou um modelo de inspiração, que pela sua qualidade obteve consagração definitiva”.

Beleza. Pra mim, saber melhor o que é considerado um “clássico” já ajudava a entender muita coisa, mas não mudava a minha opinião de que os clássicos eram uns chatos de galochal! E eu segui batendo nessa tecla por muito tempo, até que resolvi reler livros que eu havia empurrado com a barriga na escola pra ver se dava para acabar com essa conversa de sempre: de que os tais “clássicos da literatura brasileira” eram uns livros mais chatos que bêbado contando sonho. E, galera, vou admitir: quanto mais eu lia, mais eu gostava do que eu lia e mais eu me espantava com isso :)

RAPAZ DAS ALTAS

José Martiniano de Alencar era cearense, nasceu em 1º de maio de 1829, era filho de um senador do Império e logo seguiu a vida do pai na política, se elegendo por quatro vezes deputado pelo Ceará e ainda chegando a ser ministro da justiça e senador. Ele cresceu vendo de perto o dia a dia do sertanejo, do matuto cearense, e observando a natureza, e isso, com certeza, está presente em muitos dos seus livros.

Alencar estudou direito (parte em Olinda e parte em São Paulo) e trabalhou como jornalista, poeta, romancista, crítico e ensaísta. Aliás, ele começou a publicar os primeiros escritos dele quando era ainda estudante. Depois de formado, o escritor mudou de mala e cuia pro Rio, onde foi ficando até morrer em 1877 de tuberculose (que ele tinha desde criança), aos 48 anos de idade, depois de uma temporada na Europa pra um tratamento que não deu muitos resultados.

Como quase sempre acontecia antigamente, as primeiras coisas que Alencar publicou saíram em capítulos. Eram os chamados folhetins, publicados aos pouquinhos, em jornais, com o povo comprando para seguir o enredo assim como hoje em dia a galera acompanha novelas e seriados. Foi assim com *Cinco minutos* (1856) e *A viúvinha* (1857), por exemplo. Se bem que o que primeiro deu fama a esse cearense foi mesmo *O guarani*, que saiu em 1857.

ESTILO BEM BRASIL

Boa parte dos livros de José de Alencar explorava o Brasil, a ideia do que é ser brasileiro, da identidade nacional, do que nos diferencia do europeu, do português. Foi assim quando ele enveredou pelos temas históricos, falando da busca pelo ouro ou das batalhas pela expansão territorial em obras cheias de patriotismo como *As minas de prata*, *Alfarrábios* e *A guerra dos mascates*.

Coisa semelhante a gente também nota nos seus livros de temas indianistas, como *O guarani*, *Ubirajara* e este *Iracema* aqui, ou quando ele foi mais pro lado regionalista com *O gaúcho*, *O tronco do ipê*, *Til* e *O sertanejo*. Nesses romances, José de Alencar leva o leitor a áreas do Brasil afastadas da influência europeia que era evidente no Rio de Janeiro, mostrando, de repente, os pampas, o interior de São Paulo ou o homem do sertão do Nordeste.

Até mesmo quando Alencar explorou a vida urbana foi de um jeito diferente. Debaixo das tramas de amor, cheias de segredinhos e muito suspense, aos poucos, o leitor vai encontrando críticas em relação à hipocrisia e à desigualdade social que eram

comuns na época do chamado Segundo Reinado no Rio. Isso a gente vê muito claramente em trabalhos como *Senhora* (que é o mais importante deles), *Lucíola*, *Cinco minutos*, *A viuvinha*, *Diva*, *A pata da gazela*, *Sonhos d'ouro* e *Encarnação*.

Aliás, por ter sido mesmo o primeirão a mostrar o Brasil, a falar do Brasil e dos brasileiros, da tal da identidade nacional em seus livros, José de Alencar é considerado o pai da literatura nacionalista brasileira, usando e abusando de um vocabulário e de um jeito de construir as frases que era diferente, que passava mesmo longe do português usado até então nos livros. Ah, e ele é considerado também o maior escritor do Romantismo do nosso país.

CULTURA INDÍGENA

Os livros de José de Alencar dedicados aos temas indianistas como este *Iracema* que você tem agora em suas mãos tentam mostrar pra gente algumas das tradições indígenas – mitos, lendas, festas e costumes. Mas é tudo muito idealizado: o homem branco é o mau-mau da coisa e o índio é o bom-bom, um tipo ingênuo, puro, cheio de coragem, de bom caráter e que não tem “culpa” de ser selvagem.

No caso específico de *Iracema*, confesso que tive que fazer um esforço um tiquinho maior, porque virava e mexia me batia mó preguiça de ter que tentar entender aquele monte de termo que vem do tupi-guarani ou ainda o jeito engraçado com que as frases são construídas. Mas tem a coisa mesmo de ir seguindo no mapa as andanças, vendo que o Brasil não era como a gente imagina hoje, com as divisões dos estados assim tudo organizadinho.

O que é legal também é ver que o autor criou uma heroína forte, guerreira, que luta de igual pra igual com os homens – só perdeu mesmo para os males do amor.

Outra coisa que curti foi imaginar as batalhas, as praias... E foi mais legal ainda porque, quando comecei a reler este livro, eu estava justinho em Fortaleza, trabalhando por lá. E aí vi mesmo, na prática, que o José de Alencar usava muitas palavras, muitos nomes de lugares que ainda fazem, de um

jeito ou de outro, parte da vida cearense. Ou seja, vi na prática como Alencar construiu este enredo usando elementos locais, bem brasileirinhos.

A sua leitura vai ficar uma sopinha no mel, bem mais tranqüilax e fácil com o monte de textinho com **explicações** e **links** que a gente inseriu nesta edição de *Iracema*. É só não ficar sofrendo aí com a obrigação de ler o livro e se divertir. Você vai ver que debaixo de uma linguagem que hoje não é comum há coisas beeeem interessantes, como umas ceninhas de sexo. Agora o que eu quero ver é se você é esperto/esperta o suficiente pra sacar onde é que rola o bem-bom, hahaha.

Fátima Mesquita

 Fotos para contextualizar a cena.

 Sugestões de pesquisa na internet.

 Comentários curtos e curiosidades.

 Dicas de vídeos para assistir online.

Significado de palavras e expressões em **vermelho**.

SUMÁRIO

Prólogo (da primeira edição)	12
I	14
II	17
III	22
IV	27
V	31
VI	34
VII	39
VIII	43
IX	48
X	52
XI	57
XII	63
XIII	67
XIV	72
XV	76
XVI	80
XVII	85

XVIII	90
XIX	93
XX	97
XXI	104
XXII	106
XXIII	110
XXIV	115
XXV	119
XXVI	124
XXVII	129
XXVIII	133
XXIX	137
XXX	142
XXXI	147
XXXII	150
XXXIII	155
Argumento histórico	157
Carta ao dr. Jaguaribe	161

À Terra Natal
um filho ausente.

PRÓLOGO (DA PRIMEIRA EDIÇÃO)

E Sesta é aquele cochilo bom que tiramos depois do almoço.

Dardeja: emite, joga.

E Languir é ficar fraco, é amolecer que nem manteiga na panela.

Outão: lateral da montanha.

Res: boi, vaca.

Desenfastiar: distrair.

Espatos: espetos.

MEU AMIGO.

Este livro o vai naturalmente encontrar em seu pitoresco sítio da várzea, no doce lar, a que povoa a numerosa prole, alegria e esperança do casal.

Imagino que é a hora mais ardente da **sesta**.

O sol a pino **dardeja** raios de fogo sobre as areias natais: as aves emudecem; as plantas **languem**. A natureza sofre a influência da poderosa irradiação tropical, que produz o diamante e o gênio, as duas mais brilhantes expansões do poder criador.

Os meninos brincam na sombra do **outão**, com pequenos ossos de **reses**, que figuram a boiada. Era assim que eu brincava, há quantos anos, em outro sítio, não mui distante do seu. A dona da casa, terna e incansável, manda abrir o coco verde, ou prepara o saboroso creme do buriti para refrigerar o esposo, que pouco há recolheu de sua excursão pelo sítio, e agora repousa embalando-se na macia e cômoda rede.

Abra então este livrinho, que lhe chega da corte imprevisto. Percorra suas páginas para **desenfastiar** o espírito das cousas graves que o trazem ocupado.

Talvez me desvaneça amor do ninho, ou se iludam as reminiscências da infância avivadas recentemente. Se não, creio que ao abrir o pequeno volume, sentirá uma onda do mesmo aroma silvestre e bravio que lhe vem da várzea. Derrama-o, a brisa que perpassou nos **espatos** da carnaúba e na ramagem das aroeiras em flor.

Essa onda é a inspiração da pátria que volve a ela, agora e sempre, como volve de contínuo o olhar do infante para o materno semblante que lhe sorri.

O livro é cearense. Foi imaginado aí, na limpidez desse céu de cristalino azul, e depois vazado no coração cheio das recordações vivaces de uma imaginação virgem. Escrevi-o para ser lido lá, na varanda da casa rústica ou na fresca sombra do pomar, ao doce embalo da rede, entre os múrmuros do vento que crepita na areia, ou farfalha nas palmas dos coqueiros.

Para lá, pois que é o berço seu, o envio.

Mas assim mandado por um filho ausente, para muitos estranho, esquecido talvez dos poucos amigos, e só lembrado pela incessante desafeição, qual sorte será a do livro?

Que lhe falte hospitalidade, não há temer. As **auras** de nossos campos parecem tão impregnadas dessa virtude primitiva, que nenhuma raça habita aí que não a inspire com o hálito vital. Receio sim que o livro seja recebido como estrangeiro e hóspede na terra dos meus.

Se porém, ao abordar as **plagas** do Mocaripe, for acolhido pelo bom cearense, prezado de seus irmãos ainda mais na adversidade do que nos tempos prósperos, estou certo que o filho de minha alma achará na terra de seu pai, a intimidade e conchego da família.

O nome de outros filhos enobrece nossa província na política e na ciência: entre eles o meu, hoje apagado, quando o trazia brilhantemente aquele que primeiro o criou.

Nesse momento mesmo, a espada heroica de muito bravo cearense vai ceifando no campo da batalha ampla **messe** de glória. Quem não pode ilustrar a terra natal, canta suas lendas, sem metro, na rude toada de seus antigos filhos.

Acolha pois esta primeira mostra para oferecê-la a nossos **patrícios** a quem é dedicada.

Este pedido foi um dos motivos de lhe endereçar o livro; o outro saberá depois que o tenha lido.

Muita cousa me ocorre dizer sobre o assunto, que talvez devesse antecipar à leitura da obra, para prevenir a surpresa de alguns e responder às observações ou reparos de outros.

Mas sempre fui avesso aos prólogos; em meu conceito eles fazem à obra, o mesmo que o pássaro à fruta antes de colhida; roubam as primícias do sabor literário. Por isso me reservo para depois.

Na última página me encontrará de novo; então **conversaremos a gosto**, em mais liberdade do que teríamos neste póstico do livro, onde a etiqueta manda receber o público com a gravidade e reverência devida a tão alto senhor.

Rio de Janeiro – Maio de 1865.

J. de Alencar

Aura: vento suave, brisa.

Plaga: região.

Messe: conquistas.

E Que playboy que nada! Patrícios são pessoas da mesma pátria.

Uma dica: vale a pena ir à página 161 para ler a continuação dessa conversa de Alencar antes de começar a ler a história. Lã, ele explica direitinho como começou a escrever este romance, de onde veio a ideia etc. Isso pode ajudar você a entender um tiquinho melhor esse clássico da nossa literatura.

I

Duas dicas: não se desespere com a chuva de nome de bicho e planta que o José de Alencar usa. Às vezes cansa mesmo, mas você tem que sacar que ele fez isso porque queria mesmo falar da cultura, do jeito de viver dos índios daquela época, né? A outra coisa que às vezes complica é que nos diálogos ninguém diz “Eu quero isso”. Se é a Iracema que quer, ela diz: “Iracema quer isso”.

Verdes mares bravios de minha terra natal,
onde canta a jandaia¹ nas frondes da carnaúba:

Verdes mares, que brilhais como líquida
esmeralda aos raios do sol nascente, perlongan-
do as alvas praias ensombradas de coqueiros:

1 onde canta a jandaia: diz a tradição que Ceará significa na língua indígena – *canto da jandaia*.

Aires do Casal, *Corografia Brasileira*, refere essa tradição. O senador Pompeu em seu excelente dicionário topográfico menciona uma opinião, nova para mim, que pretende vir *Siará* da palavra *suia* – caça, em virtude da abundância de caça que se encontrava nas margens do rio. Essa etimologia é forçada. Para designar quantidade, usava a língua tupi da desinência *iba*; a desinência *ara* junta aos verbos designa o sujeito que exercita a ação atual; junta aos nomes o que tem atualmente o objeto; ex. *Coatiara* – o que pinta. *Juçara* – o que tem espinhos.

Ceará é o nome composto de *cermo* – cantar forte, clamar, e *ara* – pequena arara ou periquito. Essa é a etimologia verdadeira, não só conforme à tradição como às regras da língua tupi. (N.A.)



Serenai, verdes mares, e alisai docemente a vaga impetuosa, para que o barco aventureiro manso resvale à flor das águas.

Onde vai a **afouta** jangada, que deixa rápida a costa cearense, aberta ao fresco terral a grande vela?

Onde vai como branca **alcione** buscando o rochedo pátrio nas solidões do oceano?

Três entes respiram sobre o frágil lenho que vai **singrando** **veloce**, mar em fora.

Um jovem guerreiro cuja tez branca não cora o sangue americano: uma criança e um **rafeiro** que viram a luz no berço das florestas, e brincam irmãos, filhos ambos da mesma terra selvagem.

A **lufada** intermitente traz da praia um eco vibrante, que ressoa entre o marulho das vagas:

– Iracema²!

O moço guerreiro, encostado ao mastro, leva os olhos presos na sombra fugitiva da terra: a espaços o olhar empanado por tênue lágrima cai sobre o jirau³, onde folgam as duas inocentes criaturas, companheiras de seu infortúnio.

2 **Iracema**: em guarani significa lábios de mel, de *ira* – mel, e *tembe* – lábios. *Tembe* na composição altera-se em *ce*, como na palavra *cemeiba*. (N.A.)

3 **jirau**: na jangada é uma espécie de estrado onde acomodam os passageiros; às vezes o cobrem com teto de palha. Em geral é qualquer estiva elevada do solo e suspensa em forquilhas. (N.A.)

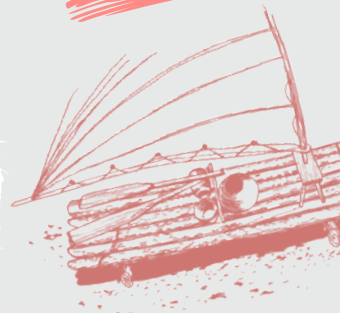
Afouta: apressada, ansiosa.

Alcione: ave que, segundo os gregos, trazia sorte, pois fazia ninhos no mar quando calmo.

Singrando veloce: navegando velozmente.

Rafeiro: raça de cão que guarda gado.

Lufada: rajada de vento.



E Não tem nada a ver com agropecuária! Quer dizer que é um sorriso cheio de mágoa, dor. Coitado do moço...

Argentear: pintar de prateado.

E Tá na cara! Rugitar é rugir. Grrrrraaaaau!!

Rulo das vagas: barulho das águas.

Borrasca: ventania.

Brioso e altivo: elegante e imponente.

Pojar: aportar, desembarcar.

Brandas auras: ventos suaves.

Jaspeie a bonança mares de leite: que as águas permaneçam sempre calmas.

Nesse momento o lábio arranca d'alma um **agro** sorriso. Que deixara ele na terra do exílio?

Uma história que me contaram nas lindas várzeas onde nasci, à calada da noite, quando a lua passeava no céu **argenteando** os campos, e a brisa **rugitava** nos palmares.

Refresca o vento.

O **rulo das vagas** precipita. O barco salta sobre as ondas e desaparece no horizonte. Abre-se a imensidade dos mares: e a **borrasca** enverga, como o condor, as foscas asas sobre o abismo.

Deus te leve a salvo, **brioso e altivo** barco, por entre as vagas revoltas, e te **poje** nalguma enseada amiga. Soprem para ti as **brandas auras**; e para ti **jaspeie a bonança mares de leite**.

Enquanto vogas assim à discrição do vento, airoso barco, volta às brancas areias a saudade, que te acompanha, mas não se parte da terra onde revoa.